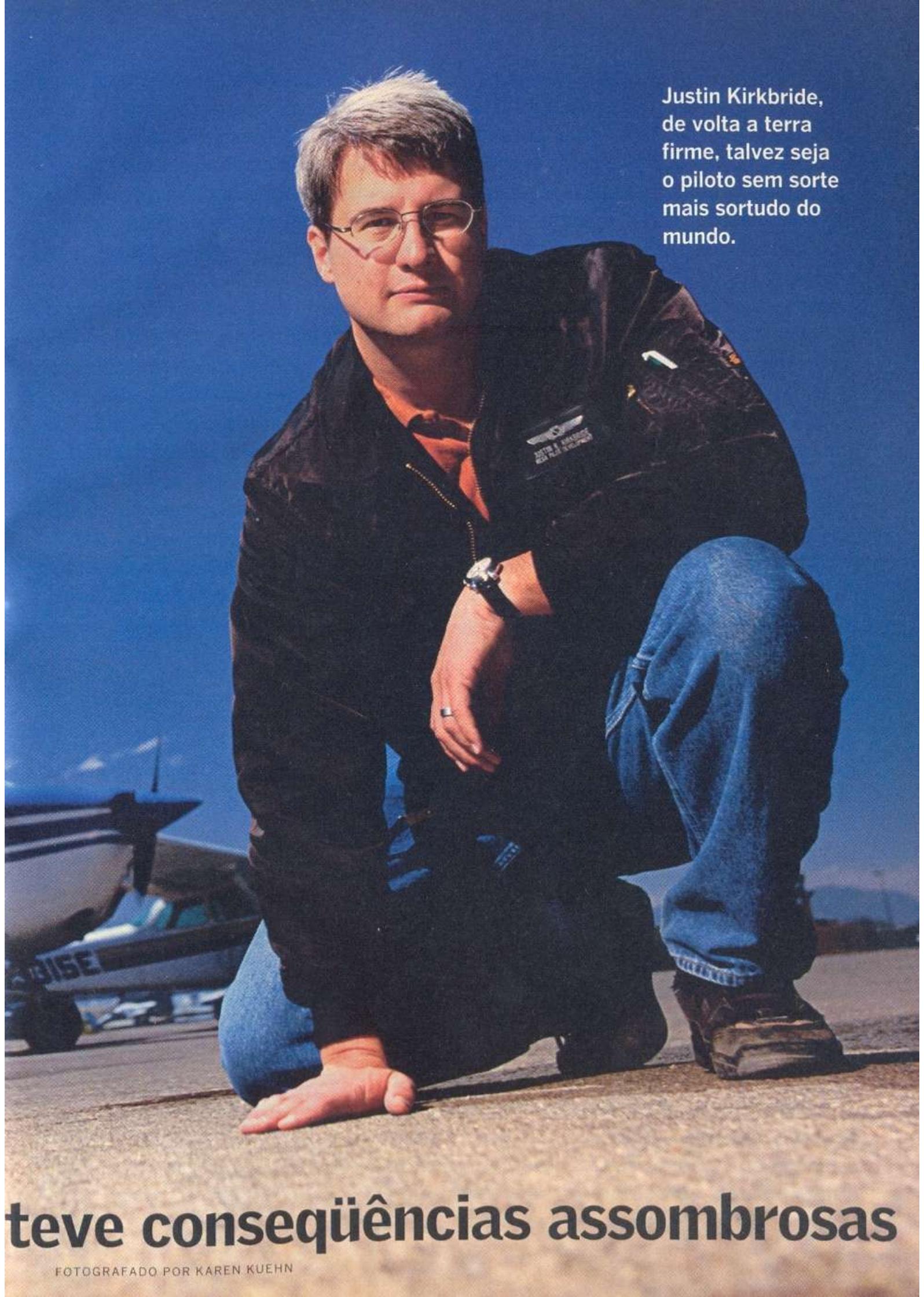


O homem. que **caiu** do **ceu** (duas vezes)

POR LEE MAYNARD



Um simples vôo com os amigos

A man with short, light-colored hair and glasses is kneeling on a paved surface, likely an airfield. He is wearing a dark, quilted jacket over a dark shirt, blue jeans, and dark boots. He is looking directly at the camera with a serious expression. In the background, a small aircraft is visible on the tarmac under a clear blue sky. The man's jacket has a patch on the left chest that reads "JUSTIN K. KIRKBRIDE" and "MCA PILOT".

Justin Kirkbride,
de volta a terra
firme, talvez seja
o piloto sem sorte
mais sortudo do
mundo.

teve conseqüências assombrosas

FOTOGRAFADO POR KAREN KUEHN

O SOL FRACO de janeiro pairava sobre o deserto quando o Cessna 172 branco subiu ao céu gelado de Farmington, Novo México. Justin Kirkbride, 31 anos, estava no comando, o corpo de 1,90 metro curvado no banco do piloto. Kirkbride estava quase terminando o curso de pilotagem que, esperava, ia abrir-lhe as portas para a carreira de piloto comercial. Naquele dia, levava dois amigos para um passeio num avião alugado.

No banco do co-piloto estava Larry Dimond, 42 anos, gerente de um clube na Flórida. Usava botas próprias para caminhada e uma parca contra o frio.

O tempo não incomodava Tommy Robbins, cunhado de Dimond, que usava apenas bermuda de algodão, tênis e um casaco fino de couro.

Os três sobrevoavam a região acidentada de Four Corners em direção ao sudoeste do Colorado, com os picos nevados das Montanhas Rochosas furando o horizonte. Dimond estava fascinado; não visitava as montanhas havia 11 anos.

Quando chegou a hora de voltar para casa, Kirkbride virou na direção sul, passando sobre um cânion cheio de neve. Quando o vento cruzou o cume à frente, precipitou-se sobre a aeronave, impelindo-a para o chão. O Cessna começou a descer abaixo dos picos circundantes.

Kirkbride era um homem calmo e sensato, mas estava diante do pesadelo de qualquer piloto. Quando o avião perdeu velocidade, o alarme disparou. Se não conseguisse manter

a força de sustentação, o Cessna cairia de nariz na montanha.

- Tommy, o que você acha? - perguntou Kirkbride com calma.

Tommy Robbins tinha 10 mil horas de vôo em aviões pequenos e até já sofrera um acidente. Sabia que não havia o que fazer.

- Pouse - respondeu Robbins, o que equivalia a dizer: "Voe até o melhor lugar que encontrar e tente aterrissar num ângulo relativamente normal, enquanto ainda tem potência."

Adiante, altos álamos circundavam uma pequena clareira. Kirkbride conduziu o avião para cima das copas macias, erguendo-lhe o nariz, como se surfasse sobre a folhagem. Teria sido um pouso perfeito se eles estivessem numa pista. Mas não estavam.

Robbins e Dimond viram quando as árvores arrancaram a ponta das asas. Um segundo antes do impacto, a vida de Kirkbride não passou diante de seus olhos. Tampouco ele viu o rosto dos parentes ou o da noiva. Mas teve tempo de pensar: *Druga, lá se vai minha carreira de piloto comercial!*

O avião se agitou ao cair de nariz sobre a neve e as pedras. O pára-brisa estourou. Gasolina se espalhou pela cabine.

NO AR RAREFEITO dos 3 mil metros de altitude, a colisão ecoou pelos cânions. Então o silêncio voltou a cair sobre as montanhas claras.



Larry Dimond via tudo enevoadado. Ouviu um gorgolejo baixo e imaginou sentir cheiro de gás.

“Saíam do avião!”, gritou Kirkbride. As portas estavam emperradas. Ele se inclinou para trás e chutou os restos do pára-brisa presos à moldura estreita.

Dimond tentou se livrar do cinto de segurança, a perna esquerda queimando de dor.

Robbins estava inconsciente, e Kirkbride viu que o sangue lhe empapava a barba espessa e ruiva. De algum modo, teria de passar o corpo do amigo, com seus 1,78 metro e 97

O Cessna caído em meio às árvores das Montanhas San Juan, Colorado.



quilos, por cima dos assentos e depois através da janela minúscula. Gritou para Dimond se mexer. “Pode pegar fogo!”

Dimond se esgueirou pela abertura, arrastando a perna machucada. Escorregou pelo nariz recurvo do avião e caiu na neve, que tinha mais de um metro de profundidade.

Sempre conversando com o amigo inconsciente, Kirkbride ergueu o corpo inerte de Robbins sobre os assentos e o empurrou pela passagem. No entanto, não agüentou o peso e o deixou cair com o lado direito sobre a borda estreita da moldura da janela, quebrando-lhe duas costelas. Por fim, ele também saiu.

À luz forte do dia, Robbins recobrou os sentidos e se levantou, ainda cambaleante, a cabeça pendendo e o sangue pingando na neve. A dor lhe castigava o corpo, mas ele podia andar. O cheiro de combustível estava em toda parte.

“Vamos embora”, dizia Robbins. Mas Dimond não conseguia andar. Kirkbride e Robbins agarraram-lhe os braços e o arrastaram para longe do avião destruído.

No MEIO das montanhas, eram poucas as chances de Kirkbride conseguir sinal no apa-

relho celular. Embora ciente do perigo, decidiu tentar o rádio de bordo. Voltando ao avião inundado de combustível, prendeu a respiração e arriscou a chave da bateria, o tempo todo esperando pela explosão.

O fogo não veio, e o rádio ganhou vida. Kirkbride fez um pedido de socorro, mas não tinha certeza se fora transmitido. Tampouco ouvia o sinal do localizador de emergência da aeronave. Desligou o rádio.

A VÁRIOS QUILÔMETROS dali, mais ou menos à mesma hora, em Santa Fé, a noiva de Kirkbride, Amanda Spencer, tentava alcançá-lo pelo celular. Eles se casariam tão logo ele concluísse o curso de pilotagem, e ela queria sua opinião sobre os convites de casamento. Mas não conseguia conectar-se com o telefone do noivo.

No entanto, como no Novo Méxi-

estado de choque. “Vão vocês”, disse Dimond. “Eu espero aqui.”

Os dois o fitaram como se ele fosse louco. O rosto de Robbins ainda sangrava, e a dor no lado do corpo era intensa. Ele conseguia ficar de pé, mas mal podia caminhar.

Kirkbride teria de ir. Às 11h30, com a temperatura em torno dos cinco graus negativos, usando apenas uma calça de algodão, um leve casaco de náilon e tênis, ele partiu.

ROBBINS ERA AGORA posto à prova. Preparando-se para o que seria uma noite terrivelmente fria, dispôs pedaços compridos de madeira sobre uma fenda na rocha, improvisou um abrigo e arrastou Dimond para lá.

Fez várias viagens até o avião, caminhando com dificuldade, a neve ensopando seus tênis e lhe congelando as pernas nuas. Robbins vas-

SUA PERNA FICOU PRESA NAS BARRAS GELADAS

co as distâncias eram grandes e as torres de telefonia celular, remotas, ela não ficou preocupada. Mas, naquele cânion cheio de neve, sem possibilidade de sinalização, sem equipamentos de sobrevivência, não dispendo sequer de fósforos, os três homens tinham motivos para se preocupar. Alguém teria de ir em busca de ajuda. Não podia ser Dimond. Kirkbride e Robbins haviam-no posto sobre galhos para mantê-lo acima da neve, mas ele parecia em

culhou o Cessna atrás de artigos úteis – um banco, um tapete... Então, arriando o encosto do banco, improvisou um leito, onde deitou Dimond. Cobriu-o com o tapete e, por cima, juntou ramos de árvore. Então, morrendo de dor, deitou-se ao lado do cunhado. E esperou.

AS PERNAS CONGELANDO e os cabelos empapados de suor, Kirkbride avançava, com neve pelos joelhos. De vez em quando tentava o celular. Nada.

Ao deparar com um regato, notou que andaria mais rápido na água rasa do que na neve. E entrou no riacho. Aquela tarde um avião sobrevoou a área. Kirkbride tirou o casaco preto e o agitou. O avião seguiu adiante.

Com a luz do dia se dissipando, Kirkbride tinha pouco tempo. Por fim, encontrou uma trilha. Seguindo-a montanha abaixo, deparou com um mata-burro, as traves paralelas de metal molhadas e escorregadias. O pé resvalou e ele caiu, prendendo a perna entre as barras geladas. Sentiu uma dor terrível. Se tivesse quebrado a perna, provavelmente morreria nas montanhas – e os amigos também. Então, usando as duas mãos, tentou soltá-la, com todo o cuidado. Estava ferida, mas não parecia quebrada. E ele prosseguiu, mancando.

Duas horas depois, numa encosta mais alta e desprovida de vegetação

Contando com apenas mais uns 40 minutos de luz diurna, o helicóptero partiu em busca de um avião branco em meio à neve também branca. Nada foi encontrado e, por causa da escuridão, o aparelho teve de pousar no lugar mais próximo possível – uma pista do Mercy Medical Center, em Durango, Colorado.

O SUBSOLO DO FÓRUM municipal de Durango abrigava um centro de resgates. Havia mapas, rádios e telefones espalhados pela sala bem iluminada. O pessoal do centro tomava providências enquanto Kirkbride descrevia o território por onde havia andado e tentava localizar nos mapas o local da queda, para que a informação fosse transmitida a equipes terrestres já nas montanhas. Mas não encontraram nada.

Temendo que Robbins e Dimond morressem se não fossem logo acha-

ELE PODERIA MORRER ALI NAS MONTANHAS.

em Dutch Creek, Kirkbride tentou mais uma vez o celular. Ligou para a base aérea da escola de vôo – e a ligação se completou!

Em poucos minutos, um avião de busca da Patrulha Aérea Civil de Durango o localizava. Cerca de 20 minutos depois – a seis horas e mais de 15 quilômetros do local da queda –, Kirkbride estava a bordo de um helicóptero de resgate.

dos, as equipes de resgate pediram ajuda à Base Aérea de Kirtland, em Albuquerque. Por volta das 21 horas, dois helicópteros militares chegavam a Durango. Munidos de óculos de visão noturna, os pilotos estavam otimistas, acreditando que localizariam os dois homens feridos. Mas algumas horas de frustração se passaram, e a sorte não mudou.

Por fim, ficou decidido que Kirk-



bride embarcaria em um dos helicópteros, na esperança de reconhecer a trilha que havia cruzado. Voando pouco acima da altura das árvores, Kirkbride e a equipe divisaram rastros na neve. Seriam humanos ou de alce? Depois de longas horas de vôo noturno, todos estavam exaustos.

Até que, às 3h15, em meio à escuridão gelada, lá estavam os destroços do avião, sob a luz forte do helicóptero. Num misto de animação e alívio, Kirkbride manteve o cinto de segurança afivelado enquanto sobrevoavam o local da queda, soltando bastões de luz química para marcar o território.

Kirkbride se segurou quando o helicóptero sobrevoou um pico baixo, que não se via do local do acidente. Dava para ver que estavam voando na altura da copa das árvo-

Técnicos inspecionam os danos causados no helicóptero militar.

res, uns 20 metros acima do terreno irregular.

A precipitação do ar causada pelos rotores descia por uma depressão côncava, e então subia, como uma cachoeira às avessas. A corrente de ar anulou a força de sustentação das pás, que passaram a girar mais rápido a fim de criar mais estabilidade; em vez disso, porém, geraram mais corrente de ar ascendente. O piloto começou a perder o controle. Então, com os motores bramindo, a aeronave afundou.

Kirkbride sentiu o corpo se apertar de encontro ao cinto de segurança enquanto o helicóptero caía em direção às árvores. *Isso não pode estar acontecendo de novo*, pensou.

O rotor da traseira bateu nas árvores, espatifando-se, e o veículo começou a girar. Depois de três ou quatro voltas completas, toda a estrutura bateu no chão, lançando longe as imensas pás do rotor. O combustível hidráulico irrompeu de um cano partido. Os motores pararam com o impacto. Fez-se silêncio nas montanhas.

Kirkbride e os outros sete homens a bordo se arrastaram dos destroços para a noite gelada. E ficaram abismados ao ver que ninguém tinha ferimentos graves. Kirkbride não sofrera sequer um arranhão.

Os homens armaram uma grande fogueira e se puseram em contato permanente pelo rádio com o segundo helicóptero. Mas era perigoso pousar ali perto. A equipe de resgate que vinha por terra começou a seguir em direção aos dois acidentes.

O SANGUE ESTAVA congelado na barba de Robbins. A temperatura era de 13 graus abaixo de zero. Ele tentava dormir, mas, de dez em dez minutos, Dimond – a um passo do delírio por causa da dor na perna quebrada – gritava para a escuridão:

– Alôôô!...

E Robbins murmurava:

– Você está atrapalhando os meus sonhos...

Duas horas depois, às 5 horas, Dimond gritou novamente. E, dessa vez, alguém respondeu.

O pessoal do resgate lhes deu água aquecida na fogueira e barras energéticas. Robbins conseguia andar, mas Dimond foi carregado de maca para um local em que o helicóptero pudesse aterrissar com segurança e levá-lo. Outro helicóptero buscava a equipe de resgate. Todos foram conduzidos ao Mercy Medical Center, em Durango, onde receberam tratamento e foram logo liberados.

QUAIS SÃO AS CHANCES de isso acontecer? Será que outra pessoa na História, num intervalo de 16 horas, em dois tipos diferentes de aeronave, caiu duas vezes na mesma montanha – e saiu ilesa? Essa sorte fez Kirkbride refletir muito sobre os riscos e as exigências da aviação comercial.

Por fim, ele disse a Amanda: “Ficar perto das pessoas que amo é o mais importante.” Assim, embora ainda goste de pilotar e os dois voem juntos com frequência, Kirkbride, feliz no casamento, optou por trabalhar como corretor de imóveis, em Santa Fé.

QUEM FAZ A FAMA...

No período em que vivi na França, um amigo parisiense me convidou certa vez para jogar futebol de salão aos sábados. Todos exultaram: “Um brasileiro!” Mas, à medida que fui mostrando meu jogo, a exclamação virou interrogação: “Um brasileiro?”



ARNALDO BLOCH em O Globo